

Lição 6 - As Potências da Alma (Continuação). Sua Inter-Relação. Como Definir Cada Uma

TEXTO 414b32-415a22 - LIVRO II, CAPÍTULO III, CONTINUAÇÃO

AS POTÊNCIAS DA ALMA CONTINUADAS

SUA INTER-RELAÇÃO

COMO DEFINIR CADA UMA

Portanto, devemos investigar em cada caso particular o que é a alma de cada um: da planta, do homem, do animal. § 299

Deve-se considerar por que elas se apresentam nesta ordem: pois não há alma sensitiva sem a vegetativa; contudo, nas plantas, a vegetativa existe separada da sensitiva. Além disso, não pode haver sentido sem o tato, mas o tato existe sem os outros; pois muitos animais não possuem visão, audição ou olfato. Novamente, entre os seres sencientes, alguns possuem movimento local, outros não. Por último e menos extenso de todos [os tipos] está o que raciocina e entende (como o homem e qualquer outro semelhante). Pois os seres mortais que possuem razão têm também todas as outras [potências], mas a razão não se encontra em todos que possuem qualquer uma destas últimas; alguns, de fato, nem têm imaginação, outros vivem apenas por ela. O intelecto especulativo é outra questão.

Claramente, então, qualquer que seja a definição mais precisa em relação a cada um dos casos acima, essa será também a definição da alma. §§ 300-2

CAPÍTULO IV

É necessário que o estudante destas [partes da alma] descubra qual é a natureza de cada uma, e só então investigue os hábitos e outras questões. § 303

Mas, se alguém deve dizer o que cada uma delas é (ou seja, a potência intelectual, a sensitiva ou a vegetativa), deve primeiro dizer o que é entender ou perceber pelos sentidos; pois as ações e operações são anteriores às faculdades na ordem do pensamento. E se assim é, deve-se primeiro considerar os objetos apropriados; os quais são anteriores até mesmo às operações e a elas correspondem; e, assim, determinar, em primeiro lugar, quais são esses objetos — por exemplo, o alimento, o objeto sensível e o inteligível. §§ 304-8

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LEITURA SEIS

§ 299. Após enumerar as potências da alma e mostrar como a definição geral dada acima se relaciona com as divisões particulares da alma, o Filósofo agora explica o que resta a esclarecer e em que ordem. Há, diz ele, ainda dois pontos a serem elucidados, um dos quais se liga ao argumento que acabou de ser apresentado. Pois vimos que, assim como não devemos nos contentar com uma definição completamente geral de alma, que não expresse nenhuma de suas realizações particulares, tampouco podemos nos dar por satisfeitos mesmo com uma definição que, de alguma forma, corresponda a estas últimas; devemos prosseguir nossa investigação até que tenhamos definido precisamente o que é próprio de cada uma dessas divisões da alma em particular. Onde se segue que temos que indagar sobre cada tipo particular de ser vivo — planta, homem ou animal — qual é o seu princípio vital específico; aplicando e particularizando assim nossa noção comum de alma.

§ 300. Em seguida, em ‘É preciso considerar’, ele enuncia o próximo ponto a ser decidido. Já disse que as partes da alma se sucedem em série, como os tipos de figura geométrica; e resta considerar a razão disso. Essa razão será dada ao final do Tratado; aqui ele mostra apenas como as partes da alma se sucedem umas das outras. A parte sensitiva, diz ele, não pode existir sem a vegetativa, mas esta última pode, nas plantas, existir sem a sensitiva. E isso não é surpreendente; pois, como vimos, o propósito das atividades vegetativas é alcançar e preservar a própria existência, que é, por assim dizer, o fundamento de todo o resto. E os sentidos exibem uma sequência semelhante; não há sentidos sem o tato, a menos que haja tato; mas o próprio tato pode existir sem os outros. Muitos animais não veem, nem ouvem, nem cheiram, mas apenas tocam. E isso parecerá bastante razoável se considerarmos que, pelo tato, um animal toma consciência dos elementos de que sua substância é composta (daquilo de que é constituído e pelo qual é nutrido), com os quais os outros sentidos só estão indiretamente relacionados. Portanto, estes últimos não são necessários para todos os animais e, de fato, são encontrados apenas nos animais superiores.

§ 301. Novamente, há a conexão entre as potências sensitiva e motora. A potência motora não pode existir sem a sensitiva, mas o inverso não é verdadeiro. Alguns seres sencientes se movem de um lugar para outro, mas nem todos. Falamos do movimento progressivo dos animais de um lugar para outro; que não é encontrado em todos os animais; embora aqueles que carecem dele apresentem certos movimentos locais de expansão e contração — por exemplo, os mariscos.

A divisão última da alma — e a menos extensa, pois não se subdivide em diferentes espécies — é aquela que possui o poder da razão e do entendimento; porque onde a razão existe em seres

mortais, ali também se encontram todos os outros poderes mencionados. Ele diz ‘mortais’ para excluir as substâncias imateriais e os corpos celestes (se estes são vivos) que, como não nascem nem morrem, não precisam da potência vegetativa; e, por serem capazes de entender por uma intuição direta do objeto inteligível, não requerem o conhecimento sensorial como condição preliminar para o entendimento; enquanto nas naturezas corruptíveis, todas as potências subintelectuais são pressupostas como instrumentos que preparam o caminho para o intelecto, que é a perfeição final da Natureza. Mas essas potências subintelectuais não implicam necessariamente a razão nos sujeitos que as possuem. E em vista da afinidade entre o intelecto e a imaginação (como ele disse acima, o intelecto é, ou é acompanhado por, imaginação), ele acrescenta que alguns animais carecem não apenas de intelecto, mas também de imaginação.

§ 302. Ora, isso pode parecer contradizer uma observação anterior sua, de que se uma parte cortada de um animal retém sensação e desejo, retém também imagens — se estas implicam imaginação, como parece provável. Devemos, portanto, dizer que (como será mostrado no Livro III) os animais inferiores têm, de fato, uma espécie de imaginação, mas de forma indeterminada: ou seja, a atividade de imaginar não perdura neles além da apreensão sensorial real, como acontece nos animais superiores, que retém imagens das coisas sensoriais após estas terem sido removidas. Assim, como ele diz aqui, a imaginação varia em diferentes animais. Alguns animais, carecendo de razão, vivem apenas pela imaginação, sendo guiados por ela como nós somos guiados pela razão. E, embora certos outros animais careçam tanto de imaginação quanto de inteligência especulativa, essas duas potências não são a mesma coisa, como veremos.

Claramente, então, a definição da alma que foi dada se aplica muito precisamente a cada parte da alma.

§ 303. Em seguida, em ‘É necessário’, ele mostra a ordem a ser seguida no exame das partes da alma. De um ponto de vista, explica ele, a primeira coisa a fazer é definir a natureza de cada uma dessas partes; e então considerar os ‘hábitos’, ou seja, quaisquer outras partes da alma que delas derivem, e qualquer outra coisa a elas pertencente e àquilo que elas animam, como os órgãos do corpo e coisas desse tipo. Esse procedimento é necessário para evitar confusão.

§ 304. Em seguida, em ‘Mas se etc.’, ele observa que, de outro ponto de vista, nossa definição de qualquer parte da alma — intelecto, sensibilidade ou vegetatividade — deve começar pelo ato da parte em questão, por exemplo, entender ou sentir atual; porque, na ideia, os atos e operações precedem as potencialidades. Potencialidade nada mais é do que uma capacidade de agir ou ser afetado; essencialmente, envolve uma relação com a atualidade e só pode ser definida nesses termos. E se este é o caso com atos e potências, os atos, por sua vez, conotam algo anterior a si mesmos, ou seja, seus objetos.

§ 305. Pois o tipo de cada ato ou operação é determinado por um objeto. Toda operação da alma é o ato de uma potencialidade — seja ativa ou passiva. Ora, os objetos das potencialidades passivas estão para estas como os agentes causais que trazem cada potencialidade à sua atividade própria; e é assim que os objetos visíveis, e na verdade todas as coisas sensíveis, estão relacionados à visão e aos outros sentidos. Mas os objetos das capacidades ativas estão para estas como os termos finais alcançados por suas atividades; pois, neste caso, o objeto é o que cada uma dessas atividades realiza efetivamente. É óbvio que, sempre que uma atividade realiza efetivamente algo

além da própria atividade, a coisa assim realizada é o termo final da atividade (cf. a *Ética*, Livro I); por exemplo, uma casa é o termo final da construção. Portanto, todos os objetos das atividades da alma são agentes causais ou termos finais; e, em ambos os aspectos, eles especificam essas atividades.

Pois, obviamente, agentes causais especificamente diversos fazem coisas especificamente diversas — como o calor aquece e o frio esfria. E assim também com o termo final da atividade: tornar-se saudável ou tornar-se doente diferem como ‘ações’, porque a saúde difere da doença. Assim, no trabalho de buscar definições, temos que considerar os objetos das operações da alma antes dessas mesmas operações.

§ 306. Devemos, portanto, chegar a conclusões sobre os objetos antes das atividades, pela mesma razão que nos leva a definir as atividades antes das potências. Os ‘objetos’ em questão são coisas como alimento, ser sensível e ser inteligível, com respeito às faculdades vegetativa, sensitiva e intelectual, respectivamente.

§ 307. Mas note que as atividades e potências da alma não se distinguem com respeito a objetos distintos, exceto precisamente na medida em que estes são objetos. Por exemplo, o ser visível difere do ser audível precisamente como objeto. Mas, se não há diferença como objeto, então não importa quais outras diferenças possam existir; elas não afetarão essencialmente o tipo de atividade ou potencialidade. Assim, pela mesma faculdade vemos um homem colorido e uma pedra colorida; a diferença é meramente incidental ao objeto da faculdade.

§ 308. Note também que nossa potência intelectual é, como tal, apenas potencialmente inteligível; para ser compreendida, deve ser atualizada por meio de uma ideia extraída de imagens sensoriais. Uma coisa é cognoscível apenas na medida em que é atual; portanto, nossa potência intelectual atinge o autoconhecimento apenas através da posse de um objeto inteligível em um conceito (como será explicado no Livro III), e não por intuir diretamente sua própria essência. É por isso que o processo de autoconhecimento deve começar a partir das coisas exteriores, de onde a mente extrai os conceitos inteligíveis nos quais ela se percebe; assim, procedemos dos objetos para os atos, dos atos para as faculdades, e das faculdades para a essência. Mas se a alma pudesse conhecer sua essência em si mesma e diretamente, seria melhor seguir o procedimento inverso; pois, nesse caso, quanto mais próximo algo estivesse da essência da alma, mais diretamente poderia ser conhecido por ela.